

WHEN WORLDS COLLIDE / 1951

(Quando os Mundos Chocam)

um filme de Rudolph Maté

Realização: Rudolph Maté / **Argumento:** Sidney Boehm, baseado num romance de Edwin Balmes e Philip Wylie / **Fotografia:** John Seitz / **Direcção Artística:** Hal Pereira e Albert Nozaki / **Efeitos Especiais:** Gordon Jennings / **Música:** Leith Stevens / **Montagem:** Arthur Schmidt / **Interpretação:** Richard Derr (Dove Randall), Barbara Rush (Joyce Hendron), Larry Keating (Professor Hendron), Peter Hanson (Tony Drake), John Hoyt (Mr Stanton, o milionário), Stephen Chase (Dean Frye), etc.

Produção: George Pal para George Pal Productions / **Distribuição:** Paramount / **Cópia:** DCP, technicolor, legendado eletronicamente em português, 82 minutos / **Estreia em Portugal:** Cinema S. Luiz, a 16 de Junho de 1952.

George Pal (1908-1980), produtor deste filme, começou por ser um nome célebre do desenho animado (autor dos famosos "Puppetoons"), várias vezes premiado com "oscar". Em 1949, animado pelo relativo sucesso do seu primeiro filme com *live-action* (**The Great Rupert** de Irving Pichel) aventurou-se nas odisséias no espaço que iriam prosseguir até aos anos 60. Em 1958, além de produzir, começou também a realizar.

When Worlds Collide vem na sequência do êxito alcançado, em 1950, por **Destination Moon** e é uma obra marcada por três cabeças. A de Pal (porventura o verdadeiro autor do filme) a de Rudolph Maté, realizador creditado e a de Gordon Jennings, autor dos efeitos especiais, que lhe valeram um "oscar".

Maté, a quem a Cinemateca Portuguesa já dedicou um Cicio, era sobretudo (e na história do cinema permanecerá) um fabuloso director de fotografia, autor, desde os anos 20, de obras primas como **Mikaël** (1924), **A Paixão de Joana d'Arc** (1928) ou **Vampyr** (1932) (todos feitos para Carl Dreyer), **Liliom** (Fritz Lang, 1934), **Dante's Inferno** (Lachman, 1935), **Come and Get It** (Wyler e Hawks, 1936), **Stella Dallas** King Vidor, 1937), **Love Affair** (McCarey, 1939), **Foreign Correspondent** (Hitchcock, 1940), **My Favorite Wife** (McCarey e Kanin, 1940), **To Be or not To Be** (Lubitsch, 1942), **Gilda** (Charles Vidor, 1946) para apenas citar os trabalhos mais superlativos.

Em 1947, resolveu trocar de ofício e passar de director de fotografia a realizador, carreira que prosseguiu até à morte, em 1964. Normalmente ligado a filmes de série B, a sua carreira nesta segunda qualidade é muito menos apaixonante que a que tivera na outra, embora haja meia dúzia de filmes curiosos, entre os quais certamente **When Worlds Collide**. Embora a fotografia do filme que vamos ver seja assinada por outro grande operador (John Seitz) terá sido Maté inteiramente alheio ao belíssimo "technicolor laranja" que, apesar da cópia de 16mm, confere ainda a este filme tanto do seu fascínio? É apenas uma hipótese.

A terceira cabeça é a de Gordon Jennings, um dos mestres dos efeitos especiais da Paramount nos anos 30, 40 e 50. Admiramos, hoje, a sua marca, no que permaneceu o mais notável deste filme desigual: a entrada de Bellus na órbita da Terra (os fogos, Nova Iorque submersa) a rampa de lançamento da nave e depois a belíssima paisagem do "primeiro dia do novo mundo" (superlativos são também os trabalhos de Hal Pereira e Albert Nozaki). Noto que Gordon Jennings ganhou com este filme o quarto "oscar" da sua carreira (três primeiros, em 1938, 1941 e 1942) e receberia um quinto por causa de **War of the Worlds**, em 1953.

Apesar da espectacularidade da obra não ser menor que a de **Destination Moon** ou **War of the Worlds, When Worlds Collide** parece-me, dos três filmes de Pal, o que pior envelheceu. O que se deve provavelmente menos a Maté (embora este, como realizador, não tenha a força de Pichel ou, sobretudo, de Haskin) do que ao argumento, o mais mal construído da "trilogia", e à inépcia da maior parte dos actores (caracteres já de si desinteressantes e insípidos). O único personagem que podia "dar qualquer coisa" (o milionário da cadeira de rodas) é esquematicamente abordado e jamais constrói um pólo dramático interessante.

Curiosamente, a novela que serviu de base ao filme foi bem popular nos anos 30 e, tal impacto teve que a Paramount lhe adquiriu os direitos para um filme que Cecil B. DeMille devia realizar em 1932.

No seu livro, "Keep Watching the Skies!" (1982), Bill Warren transcreve os pontos de espectacularidade que um anónimo argumentista salientava, à época, no projecto que se devia chamar **The End of the World**. E falava da visão do planeta dia e noite, aproximando-se da terra; do pavor dos humanos, com alguns religiosamente resignados, outros tentando inventos científicos para escaparem numa "tremenda orgia de violência, raptos, roubos e assassinatos"; da visualização do planeta salvador, habitado por "incríveis árvores", "inauditos monstros" e "cidades jamais sonhadas pelos terrestres que se salvavam"; O anónimo argumentista tinha já redigido a frase publicitária: "There has NEVER been any picture like THE END OF THE WORLD".

Mas DeMille não pensou, talvez, a mesma coisa e o projecto jazeu nas gavetas da Paramount vinte anos, até ser desenterrado por George Pal, e confiado ao excelente argumentista Jack Moffitt que sonhou com um *cast* grandioso que previa, nos papéis de Drake, Joyce, David e do Professor, nem mais nem menos do que Ronald Colman, Susan Hayward, Douglas Fairbanks Jr. e Charles Bickford.

A Paramount achou tudo isso caríssimo e optou pelo *script* de Boehm e por actores desconhecidos. Uma dupla maldição pesava pois sob o projecto, maldição que se acentuou quando os "executivos" da firma de Zukor impuseram maior desenvolvimento à história de amor, o ponto mais fraco e mais chato do filme.

Mesmo assim, e com tais impedimentos a cortar a fértil imaginação de Pal, há, para além da cor, dos efeitos especiais, e da chegada a Zyra, (que por si só justificam a visão do filme) mais dois ou três apontamentos merecedores de atenção:

a) a utilização do tempo que vai crescendo até à fatal 1 hora da tarde ("the hour of doom") para decrescer depois nos dez dias que separam a colisão dos mundos e permitem aos favorecidos pela sorte chegar a Zyra.

b) O tema da Arca de Noé, abrigando, agora, além de homens e animais, uma "biblioteca básica", onde figuram a Bíblia, a História da Humanidade e a Enciclopédia Britânica.

c) As "falsas actualidades" com o mundo em oração, nas diversas cidades santas.

d) A fulgurante aparição do planeta (mais um efeito genial de Jennings) com o encarnado-laranja em todo o seu esplendor.

Falando do filme, à época da estreia, Arthur C. Clarke, embora sublinhasse o seu desapontamento (com as liberdades "científicas" do filme) escrevia que "***When Worlds Collide*** certainly contains enough interesting material to make it worth a visit". Se o "*interesting material*" for o que já referi, inteiramente de acordo. Acrescido hoje, pelo efeito *kitch* de todos esses efeitos e pela paisagem planetária do grande pintor, que foi Chesley Bonestell. Só para aterrar naquela paisagem, valeu a pena a colisão dos mundos.

JOÃO BÉNARD DA COSTA

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico